

NARRATIVAS E DIALOGIA EM ESTUDOS QUALITATIVOS SOBRE A PRODUÇÃO DE SI

NARRATIVES AND DIALOGUE IN QUALITATIVE STUDIES OF SELF-PRODUCTION

NARRACIONES Y DIÁLOGO EN LOS ESTUDIOS CUALITATIVOS DE LA AUTOPRODUCCIÓN

Silviane Barbato *
silviane.barbato@gmail.com

Priscila Pires Alves **
priscilarosas71@gmail.com

Valéria Marques de Oliveira ***
valeriamarques@ufrj.br

*Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF – Brasil

**Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda/RJ - Brasil

*** Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ – Brasil

Resumo

O artigo discute as contribuições de princípios da narrativa e da dialogia, para a pesquisa qualitativa em psicologia e áreas afins. Enfatiza-se a ampliação do conceito da narrativa para além da expressão verbal e numa via de mão dupla, dialógica. Assim, ao relacionar narrativas e dialogia em estudos qualitativos sobre a produção de si, buscou-se enfatizar o modo como as produções de significados no espaço intersubjetivo desenham dinâmicas dialógicas que orientam as agencialidades. A produção da narrativa na pesquisa qualitativa, quando relacionada à dialógica, possibilita diferentes aberturas para a compreensão da realidade.

Palavras-Chave: Pesquisa qualitativa. Narrativa. Dinâmicas dialógicas. Desenvolvimento do Self. Identificações. Transições

Abstract

The article discusses the contributions of narrative and dialogical principles to qualitative research in psychology and related fields. Emphasis is given to broadening the concept of narrative beyond verbal expression and in a two-way, dialogic way. Thus, by relating narratives and dialogues in qualitative studies on the production of self, it highlights the way in which meaning constructions in intersubjective spaces draw dialogic dynamics that orient agencies. Narrative production in qualitative research, when related to dialogic, allows different openings for understanding reality.

Keywords: Qualitative research. Narrative. Dialogical dynamics. Self development. IDs. Transitions.

Resumen

El artículo analiza las contribuciones de los principios narrativos y dialógicos a la investigación cualitativa en psicología y campos relacionados. Se hace hincapié en ampliar el concepto de narrativa más allá de la expresión verbal y de forma bidireccional y dialógica. Así, al relacionar narrativas y diálogos en estudios cualitativos sobre la producción del yo, buscamos resaltar la forma en que la construcción de significados en el espacio intersubjetivo dibuja dinámicas dialógicas que orientan a las agencias. La producción narrativa en la investigación cualitativa, cuando está relacionada con el diálogo, permite diferentes aperturas para comprender la realidad.

Palabras clave: investigación cualitativa. Narrativa Dinámica dialógica. Auto desarrollo. IDs. Transiciones

INTRODUÇÃO

As narrativas são formas privilegiadas de organização do mundo que se estruturam em diferentes gêneros do discurso (BAKHTIN, 1996; BROCKMEIER; HARRÉ, 2003; BRUNER, 1986) e promovem os sentidos de forte ligação entre o eu e os outros, de conhecimentos e afetividades em formas de

narrações, contos, dramas (BRUNER, 1986) etc. Estudos sobre o desenvolvimento do self, das identificações e suas inter-relações têm utilizado as narrativas assim como as explicações de si como ferramentas do cotidiano para avançar, por exemplo, na compreensão das dinâmicas de mudança e continuidade de si ao longo da vida. Narrar e explicar são atividades humanas em relação dialética com os processos de identificação pessoais e sociais, nas interpretações de si, do outro e do mundo que se concretizam no jogo entre o coletivo e o individual, gerando sentidos de continuidade e descontinuidade quando a pessoa passa por profundos momentos de crise, transição e mudanças (lineares) e/ou transformações (descontínuas) (OVERTON; MOLENAAR; LERNER, 2015). Este artigo¹ tem por objetivo relacionar narrativas e dialogia em estudos qualitativos sobre a produção de si.

A narrativa é uma construção social da realidade (BRUNER; HASTE, 1990, p. 9) que organiza a experiência humana real e ficcional. Ela se relaciona as leituras culturais e individuais das realidades, com a produção de significados, negociados e renegociados entre o narrador e outros seres em seu contexto sociohistórico (BRUNER, 2003). Na narrativa, as pessoas contextualizam (AUER, 1995) suas histórias em constituições do si, expressando sentimentos e ações (BAKHURST; SHANKER, 2001). O narrador e seu(s) interlocutor(es) estão implicados, vivenciando suas percepções de realidade internas-externas no espaço intersubjetivo.

A humanidade, em seu cotidiano, preferencialmente narra, explica e escuta histórias que tecem sentidos de si e da realidade construídos e (re)negociados e, ao fazê-lo, os narradores posicionam-se, iluminando feixes de significados (VOLOSINOV, 2006), produzindo as fronteiras entre o eu e o outro. Para interpretar a realidade interna-externa, o narrador recorre às informações que dispõe (biologicamente e socialmente) e as narrativas, produzindo interpretações para si e para/com os seus interlocutores. E, para compreendê-la, o interlocutor busca os sentidos utilizando estratégias discursivas que orientam as negociações de significado, aproximando-se do ponto de vista do narrador, considerando que a sua própria interpretação interfere no processo.

Narrar é prática social que tece histórias. As narrativas têm sido utilizadas também como instrumento mediacional para a compreensão de interpretações de si em processos de transição. Os significados produzidos podem ser analisados a partir da identificação de polifonias, processo em que múltiplas vozes se concretizam em harmonias, dissonâncias e ambivalências (ABBEY; VALSINER,

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. CAPES/PrInt, Edital Universidade de Brasília 2019; CAPES/PROCAD, Edital nº 071/2013, Pós-Graduações em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade de Brasília e Universidade Federal de Santa Maria; PGPDS/PED/IP/UnB.

2005) que ocorrem em redundâncias, pontos de mutação (BRUNER, 1997) e intertextualidades (BAKHTIN, 1981; BARBATO; MIETO; ROSA, 2016; LINELL, 2003; MIETO; BARBATO; ROSA, 2016) eminter-historicidades (SEGATO, 2012).

A narrativa é uma experiência cultural que organiza os eventos vividos pelas pessoas, produzindo significados (BRUNER, 1997; GERGEN, 2000). Ela estrutura enunciados que mediam a práticas canônicas e inovadoras das historicidades envolvidas e o idiossincrásico orientado por crenças e valores. A partir das suas histórias, as pessoas se identificam consigo e com os outros, com os lugares e práticas culturais, transformando-se e produzindo interpretações do passados e de futuros possíveis. O narrador atualiza, modificando-mantendo o passado e gera expectativas de futuro a partir do que é relevante no presente (BENJAMIM, 1983, 1985), canalizando os traços de significação que vão ficar/mudar ao serem enfatizados na relação entre sincronia (o que é dito) e diacronia (alternativas históricas sobre o que poderia ser preferencialmente dito), entre presenças e ausências (paradigmas) atualizadas no discurso, gerado nas conexões entre os processos sociohistóricos e pessoais.

A narrativa gera interpretações que desenham experiências particulares no mundo. A linguagem descreve, produz compreensão e cria estatutos de realidade e de consciência (BRUNER, 2007), no jogo entre história, eventos e personagens em que os significados são atualizados e tecem sentidos de continuidade de si, do outro e do mundo. A experiência é, assim, construída numa ininterrupta cadeia de atos comunicativos, na transitividade em que significados construídos historicamente, coletiva e individualmente se atualizam na atividade , direcionada para dois polos: o do seu sentido e o do ser (BAKHTIN, 1981, 1996).

Os significados são compartilhados na busca de compreensão de um dado contexto. A narrativa implica em negociação em que a reflexividade resulta de tensões na intersubjetividade, em constante atualização que orientam as expressões de singularidade. O si mesmo ou self é relacional e é produzido no reconhecimento do outro como self, não se fechando em si mesmo (ROSE, 1998). O narrador compõe as histórias utilizando personagens que participam direta e indiretamente explicando, argumentando, aconselhando e ensinando. Na tessitura do contar trajetórias, criam-se ritmos, a voz varia, na tonalidade, altura e marcação de ritmos que se apoiam em repetições, movimentos (HAVELOCK, 1996) e gestos nos diferentes planos de sua produção. Eventos e significados regulam esse contar, tendo maior ou menos importância nos enredos que surgem criando clímax e soluções. Ao contar sua experiência, o narrador interliga sua história pessoal ao conjunto de eventos vividos, em que o presente concretiza-se na experiência, no jogo entre algo do passado e algo do futuro, atualizando as relações entre o conhecido e o novo. Nessas experiências do tornar-se, de convencionalização (BARBATO et al

2016; BARTLETT, 1996; MIETO; BARBATO; ROSA, 2016; ROSA, 1996), o embate do individual com as dinâmicas centrais na criação de comunalidade entre os locutores e de formação de identificações, tornam possíveis resistências, mudanças e transformações. As dinâmicas polifônicas em convencionalização geram processos de identificação, na dialogia entre inter-historicidades (SEGATO, 2012), desencadeados no encontro com o outro, orientando as agencialidades.

O self é um fenômeno dinâmico no qual o Eu assume diferentes posições no espaço de interlocução, indicando diferentes valores, crenças, conceitos e lógicas de pensar e se posicionando por meio dos gêneros do discurso, resultantes da multiplicidade de encontros sociais que possibilitam os espaços intersubjetivos (ROMMETVEIT, 1992). O desenvolvimento do self ocorre como um processo dialógico de interpretações nas fronteiras entre o eu e o espaço intersubjetivo, nas interlocuções do estar junto-estar só, no embate de tensões entre forças centrífugas, orientadas a mudanças, e centrípetas, orientadas a permanências, marcado por ligames entre ideologias e emoções vivenciadas no cotidiano, que marcam a introdução de novidades no em-sendo das experiências.

Ao contarem suas histórias de vidas, as pessoas se posicionam e as lembranças se concretizam mediadas por objetos e imagens, como marcas espaciais e temporais de lembranças que compõem as histórias pessoais e de grupos, produzindo inter-historicidades com os interlocutores. Crises e transições impactam as produções de si e dos processos de identificação pessoal – nas tensões do tornar-se similar a si, e social, do tornar-se similar aos outros, em diferentes contextos interativos, funcionando como obstáculos aos processos de permanência disparando mudanças e transformações. As histórias pessoais organizadas em trajetórias específicas sistematizam, no momento do encontro, as lembranças e os posicionamentos iluminam feixes de significados desencadeando incertezas e ambivalências que vão sendo ou não resolvidas. No humano contemporâneo, o diálogo entre eu e mim que gera o self (ROSA; BLANCO, 2007), promove novas tessituras com os processos de identificação, orientando a percepção de permanência de si, mesmo durante transformações relevantes. O embate do indivíduo com seus coletivos, do tu és - eu sou e do eu sou com o tu és, concretiza-se na disponibilidade e frequências de informações gerando cronotopos fechados específicos, tempos e espaços específicos acabados-abertos, à atividade do narrar e contar-se ao outro.

O processo de falar de si, do outro e do mundo para um interlocutor torna os humanos contadores de histórias (BRUNER, 1997) não fixas, mas que podem se cristalizar, dependendo do tipo de experiência sendo narrada e seu impacto ideológico-emocional ao longo de diferentes momentos em que se concretizaram como enfoque de interpretações de si e que são atualizados no presente do contar sua história para o pesquisador. Eventos, imagens e significados, ao serem concretizados, são submetidos a

processos de reflexão e elaboração, sendo atualizados, ou seja, concretizados em enunciados na interação e transformados semioticamente (MIRANDA; BARBATO, submetido). O posicionar-se e posicionar o outro produzem atos de identificação em práticas culturais, podendo ser marcados por meio de aspectos autobiográficos específicos presentes na conversação e na produção narrativa, como os interlocutores se concebem e como se posicionam na história (DAVIES; HARRÈ, 2001). As posições resultam e tecem experiências pessoais e imaginadas, desencadeadas por motivos que se presentificam na atividade, construindo lógicas na narrativa, tornando possível ao pesquisador, por exemplo, analisar os significados a elas relacionados: linhas da história. As concepções que as pessoas têm de si mesmas mudam, não são organizadas em totalidade coerente, mas se tornam coerentes em linhas narrativas.

Os processos dialógicos geram dinâmicas de convencionalização (BARTLETT, 1996) que ocorrem em zonas de contato (CANCLINI, 2003; HERMANS; KEMPEN, 1998), no inbetween (BUBER, 2012), atualizando as interpretações de si inter-relacionadas a identificações, pela introdução de novas práticas e o desenvolvimento de padrões diferenciados daqueles já conhecidos, direcionados à conservação seletiva de materiais antigos, em suas relações com o novo. Esses processos dependem da produção de significação que ocorre em polifonia com crenças e valores nos fazeres históricos, sociais e pessoais relevantes no tempo presente. As dinâmicas polifônicas são recursivas (DE CASTRO, 2017), tornando complexas as ações humanas em multiplanos simultâneos (VOLOSINOV, 2006), e se concretizam na intersubjetividade gerando posicionamentos entre quebras comunicacionais e desencadeando novas negociações de significados (BARBATO, 2018).

A interação, o estar com o outro, possibilita o inbetween (BUBER, 2012), isto é, o espaço do entre, concretizando-se nas trocas dialógicas entre interlocutores e de mim para mim, mediadas pelo(s) interlocutor(es) concreto(s) e imaginado(s). Essas relações se desenvolvem temporalmente no presente-passado-futuro, fundamentando-se nas condições móveis de socialização nos diferentes contextos sociocomunicativos em que as historicidades e inter-historicidades se desenvolvem, as posições são geradas nas e pelas trocas, por meio da reflexividade. A dialogicidade define os vetores da história sendo contada, os eventos enfocados, a vivacidade das lembranças a serem valorizadas em narrativas que podem gerar ou não detalhes, dependendo do método utilizado para compreender a atividade. Os significados históricos e culturais regem, assim, a formulação de uma narrativa cujos sentidos mediam as interações entre self e os processos de identificação, fazendo-se necessário utilizar ferramentas metodológicas para identificar as repetições, ênfases e as possíveis discontinuidades e rupturas que marcam as transições, em que há tendência a não-fixidez, não-permanência em situações de impacto que são marcadas por posicionamentos ideológico-emocionais, por exemplo.

A realidade da língua resulta da interação verbal dialógica. O lócus das relações dialógicas está no entre, ou seja, no que se produz como resultado da interação entre a(s) voz(es) do eu e a(s) voz(es) do outro. Nessa perspectiva, a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua, pois nela se conjugam o caráter social da linguagem e sua realização na medida em que o sistema de signos partilhados pelos locutores é produzido em contextos específicos de comunicação, de acordo com seus objetivos e possibilidades, a produção de significados e sua compreensão. O diálogo pode ser compreendido como uma recepção ativa do discurso do outro. Com isso, as relações dialógicas são textualizadas processualmente no discurso que pode se apresentar em diferentes matizes, por exemplo, como narrativas.

Nas relações dialógicas importa retomar o que é significativo no enunciado alheio em sua tonalidade. Ainda que se considere apenas uma palavra, se esta permite identificar o posicionamento do outro, está aí configurado o dialogismo (BAKHTIN, 2003). Ao problematizar as formas de interpretação do discurso do outro no narrar, é importante considerar a responsividade da pessoa a quem se se conta a história, visto que o pesquisador torna-se interlocutor nos encontros narrativos. A pesquisa dialógica com narrativas é compartilhada entre narrador e interlocutor ouvinte, abrindo possibilidades de sentido e posicionamento. No presente do diálogo (BAKHTIN, 1986; BUBER, 2012; VOLOSINOV, 2006), o alcance dos significados torna-se possível no espaço intercessor do “entre”, do inbetween, no qual o pesquisador é também agente da enunciação, na medida em que tece significados derivados da interação com sua pesquisa e o narrador que enuncia sua história.

A relação dialógica é vivência permeada pela palavra que constitui redes de significados (BUBER, 2012). As redes de conversação derivadas da troca possibilitam a produção mútua de significados que gera reflexões conjuntas em ato: a interação dialógica não sustenta conceitos pré-estabelecidos. O diálogo visa mostrar, construir relações, compartilhar ideias e da pluralidade de significados que as vivências compartilhadas produzem, estabelecendo relações. Nessa proposição, novas ideias surgem pela ação cooperativa do entre nas relações inter-humanas.

A experiência que irrompe na direção do outro, promovida pelo encontro dialógico, possibilita ao humano romper sua solidão e no encontro transformador, conhecer o outro em toda a sua alteridade (BUBER, 2009). O que é peculiar a existência humana é o que se dá na relação, no entre. Sendo assim, o diálogo constitui-se um recurso indispensável para que se alcance a realidade humana. Em sua perspectiva dialógica, aponta para a necessidade de compreensão sobre os modos de enunciação do que nomeia como palavras princípio que seriam EU-TU e EU-ISSO. O humano é um ser de relação. Em sua constituição ontológica, o princípio EU-ISSO refere-se à pragmática da existência, dimensionada

naquilo que visa uma objetivação. O ISSO refere-se a objetivação, a um modo de apropriação entre o sujeito e o mundo. O EU-TU revela um modo de interação na qual a humanidade se revela entre homens. Isto é, dialogam e se abrem para um encontro autêntico. Nessa interação, dois sujeitos ao dialogar se constituem mutuamente. Na interação dialógica, novos modos de ver e criar significados em conjuntos estão em tela, possibilitando a atividade de cooperação no processo de reflexão e captura do vivido. EU-TU e EU-ISSO compõem a experiência humana e se concretizam em atitudes do humano com a existência.

Na atitude EU-TU a interação constitui um território no qual uma pessoa se deixa impactar pela outra, que com sua presença viva, revela-se e se presentifica. O mundo do TU é uma experiência não mensurável, apenas capturada e sentida, possibilitando o alcance e a vivência da alteridade. Nesse campo, a presença, o encontro, e o que dele emerge enquanto vitalidade produz significados e afetos. É nessa dimensão que se pode ser e estar-com. Sendo assim, o diálogo circula no entre, produzindo significados tal como se revelam à experiência imediata dos interlocutores.

A dialogia pressupõe que as interações promovidas pelas relações dialogadas constituem uma rede de significados dos quais os interlocutores são autores de sua narrativa, possuem propriedade sobre sua enunciação nos quais modos de participar e compreender se derivam do encontro, das vivências que esse encontro suscita. No encontro entre um sujeito com o outro, a comunicação se estabelece e a realidade se constitui. Como método de trabalho e intervenção, a perspectiva dialógica nos convida a proceder continuamente com exercício de abertura ao que se apresenta como nos propõe Husserl (1987) ao fundar o método fenomenológico. No pensamento Buberiano, é na esfera do inter-humano, no encontro dialógico é que a existência humana ganha sentido e significado. Romper com o pensamento fragmentado e compreender a dinâmica do todo e da parte existente na interação, no diálogo, é o desafio ao pesquisador que busca o encontro autêntico. A fim de relacionar narrativas e dialogia na produção de si, além do enfoque em enunciados e no desenrolar discursivo em que o narrador se posiciona e é posicionado enquanto tece sua história, identificam-se também as dinâmicas que tensionam o entre.

A pesquisa em psicologia tem utilizado metodologias qualitativas que possibilitam análises aprofundadas dos processos de interpretação de si, do outro e do mundo, com a utilização de narrativas em estudos de caso e múltiplos casos em recortes transversais e longitudinais. O enfoque está no narrar das experiências em diferentes eventos produzindo experiências estéticas de si (BORGES; ARAUJO; AMARAL, 2016), do outro e do mundo nas interações entre o em sendo e no tornar-se, enquanto a narrativa se contextualiza. Nos últimos anos, foram observados avanços na utilização de múltiplos métodos com desenhos compostos em que são utilizadas entrevistas abertas e semiestruturadas como as

episódicas, mediadas por objetos e imagens, com foco também em explicações e argumentações, que expressam a auto-organização com uso de diferentes modos comunicativos oral e multimodais, como em cartas, imagens, blogs e podcasts, em que pesquisador e narrador estão em interação por períodos longos de tempo.

O direcionamento à compreensão dos processos do outro, do participante, é central na problematização e reflexão metodológica. O ato comunicativo é um enunciado que nunca se repete exatamente como é, pois, sua posição e função nas cadeias comunicativas e nas vidas de cada interlocutor mudam. É assim moldado também com elementos outros que, apesar de se relacionarem com os constituintes linguísticos, pois os utilizam como um meio, são considerados também aspectos dialógicos, extralinguísticos, ou seja, como elementos que reverberam em harmonias e dissonâncias no encontro polifônico e monológico das vozes dos interlocutores.

Tendo em vistas que os estudos nessa proposta engendram-se na complexidade dos elementos que geram e são gerados na produção de significados em andamento na narrativa, o pesquisador que trabalha a partir de um interesse pelo outro e o que tem a dizer, busca esperar pela resposta, não rephraseando nem desdobrando ou explicando a pergunta, esperando em silêncio a responsividade do outro. A antecipação de pergunta rephraseada ou de explicações quebra o processo dialógico, tornando-o monológico por deslocamento da produção de sentidos da intersubjetividade para o polo do entrevistador, evidenciando que o entrevistador está julgando as respostas ou posicionamentos do entrevistado, enviesando, portanto, as informações por etnocentrismo, julgamento de valor e/ou abstração teórica desnecessária no momento da entrevista. Muitas vezes, a ânsia por uma resposta faz com que entrevistado e entrevistador comecem a falar ao mesmo tempo ou a nova pergunta do pesquisador enrede a continuidade da entrevista para outro foco, desrespeitando a autoria do entrevistado em dar rumo a sua narrativa e as suas respostas no tempo que precisar para fazê-lo.

Enquanto metodologia, a narrativa se concretiza nas pesquisas qualitativas também por meio das entrevistas, questionários com questões abertas, história de vida. A pesquisa narrativa não busca padrões estáveis e preditivos, mas possibilidades interpretativas relacionadas a diferentes contextos situacionais, propostas de leituras que podem apontar direções e potencialidades de ações no âmbito crítico-reflexivo. A emancipação, a pró-atividade, a responsabilidade e a tomada de consciência são alguns pontos em destaque. O pesquisador é participante ativo que escuta a narrativa enquanto está atento às condições da entrevista, à qualidade da interação e à adequação do local. Ele próprio produz a interpretação de si e da realidade. Na condução e na análise da narrativa estes fatores não podem ser negligenciados (RIESSMAN, 2011).

Avançar na pesquisa narrativa implica em considerar não apenas a racionalidade nos moldes tradicionais de formação. Para capturar a narrativa dialógica que possibilite a emancipação, é relevante que se promova o encontro, autêntico, entre sujeitos. A horizontalidade presente na interação com o outro como semelhante, diferentemente da verticalidade de entrevistas de mão única. Para ir além do fazer e chegar ao compreender, é preciso desenvolver a sensibilidade e a intuição (BRUNER, 2003). O encontro autêntico decorrente de interesse genuíno e visão sistêmica da vida. Esse modo de dialogar é possível quando o pesquisador se percebe também como interlocutor na configuração da realidade tecida pelo narrador.

Enquanto método, o diálogo possibilita refletir a partir da díade ação-reflexão sobre um determinado campo, no qual é imprescindível que os interlocutores estejam presentes. As interações derivadas do encontro dialógico propõem a produção de realidades emergentes na vivência do entre que é possível se estabelecer no agora, sendo a experiência como atributo do ISSO e não do TU (BUBER, 2012). A experiência é uma leitura do vivido. A vivência é a atitude que deriva do encontro EU-TU e possibilita um movimento relacional no qual a configuração dos sentidos emerge das trocas em determinadas situações e contextos.

O uso de metodologias qualitativas e a necessidade de produção de várias horas narradas (BRUNER, 1997; JOSSELSO; KIEBLICH, 2001; MOEN, 2006; RIESSMAN, 1992, 1993; SOUZA, 2019; STEINKE, 2004) que possibilitem a análise aprofundada de cada caso. Por exemplo, estudos qualitativos que visam aprofundar em análise de dinâmicas podem-se optar por um número de participantes baixo, com o uso de diferentes ferramentas para a produção e análise com a descrição e definição do contexto de significação organizada em diferentes níveis do narrar. As narrativas abertas são geralmente desenvolvidas a partir da pergunta inicial: conte-me sua história de vida. Durante esse tipo de entrevista, evitam-se direcionamentos. Entrevistas narrativas abertas geralmente têm algumas horas de duração. A fim de manter a fruição do contar, as perguntas que podem ser introduzidas são do tipo: fale-me mais sobre isso? Você pode me contar um exemplo disso? Você poderia comentar mais sobre isso? Entrevistas abertas suportam intervalos longos de silêncios, não há pressa. Narrativas também se desenvolvem em entrevistas semiestruturadas e mediadas por imagens e/ou objetos, enfocando eventos, personagens ou trechos de entrevista nos tempos presente, passado e futuro, que podem ser mediadores da continuidade de produção de significados e da interpretação dos sentidos dos participantes. Em entrevistas móveis, por sua vez, o participante é convidado a contar histórias enquanto percorre a cidade ou contextos específicos as suas experiências, podendo fazer o percurso presencialmente (LANZMANN, 1985) e/ou virtualmente.

Os narradores exprimem-se de acordo com certo ponto de vista resultante da tensão entre uma série de elementos que se mobilizam para atingir dois níveis de performance: o que é planejado (ou atitude, para BAKHTIN, 1993) e a sua concretização na interação em uma determinada esfera da cultura: as condições de interação (assunto/tema/conhecimento que cada interlocutor tem da situação, incluindo sua noção de interlocutor/ leitor; o conhecimento que cada um pensa ter do outro. O evento de vida do texto se desenvolve nas fronteiras entre duas ou mais consciências, dois ou mais interlocutores e o andamento da própria interação: o que foi dito antes e as possibilidades de antecipação do que será dito em seguida, o que é interpretado como relevante e o que um e outro vão tecendo no jogo entre presente-passado-futuro.

Na preparação das narrativas para análise, com atenção nos processos complexos de orquestração em andamento no contar de si, pode-se optar por agrupar todas as sessões de um mesmo participante em um texto único mantendo-se a sequência em que as informações foram obtidas, a fim de favorecer a aplicação dos diferentes níveis de análise. As sessões de observação livre, descrita em protocolo aberto (CRESSWELL, 2005) têm sido revisitadas, e as entrevistas são ouvidas, em caso de áudio, ou observadas em caso de gravação em vídeo. Em seguida, são cuidadosamente transcritas a fim de gerar compreensão sobre o chão semiótico em que se contextualiza a produção de significados. Desse exercício, produz-se uma sumarização de cada sessão, em que são evitadas qualificações, isto é, o uso de adjetivos, advérbios e verbos de ligação, e julgamentos de valor. Em análise baseada no fluir da interação, o enunciado é composto por um tema, significação e valor ou acento apreciativo, sendo que: (a) o tema é o sentido da enunciação de cada interlocutor, expressão de uma situação histórica concreta que deu origem ao enunciado (VOLOSINOV, 2006), quando se posicionam, posicionam o(s) outro(s) e são posicionados, na concretização da mútua interpretação; (b) a significação é o efeito da intersubjetividade e se constitui de elementos que são reiterados e idênticos; e (c) o acento apreciativo orienta “a escolha e a distribuição dos elementos mais carregados de sentido da enunciação” (p. 135).

E um segundo procedimento que compõe as reflexões sobre como fazer em propostas qualitativas de estudo, é gerado quando objetivo e contexto de pesquisa tornam necessária a análise de documentos para a composição da produção de posicionamentos e significados. Nesses casos pode-se dar preferência à análise de conteúdo temática (BARDIN, 1977; MAYRING, 2004). Esses procedimentos podem apoiar a formulação de um quadro geral dos processos intersubjetivos de permanências e mudanças, em narrativas longas e breves, permitindo ainda identificar a contribuição e estratégias discursivas preferenciais de cada membro do grupo focal em interlocução. No caso de longas narrativas, apoia-se no estabelecimento de roteiro estrutural da construção de significados, observando-

se os entrelaces, espelhamento e retomadas e possibilitar a identificação de pontos de mudança no desenrolar das narrativas produzidas durante diferentes encontros.

Para este fim, aplicam-se diferentes níveis de análise com a utilização de diferentes métodos como análises microgenéticas, microanálises, diferentes tipos de análise de discurso. No caso de opção pela análise dialógica temática, por exemplo, há a composição de diferentes métodos para se identificar os detalhamentos requeridos no estudo das relações proposto no objetivo deste artigo. Neste caso, as sessões de narrativas e explicações são reunidas em um único texto sequencial, havendo repetidas leituras do material para a análise dos posicionamentos e temas com identificação de redundâncias, ênfases e força entre significantes e significados. As leituras intensivas e extensivas possibilitam o enfoque nas relações produzidas em diferentes planos discursivos, identificando-se posições a partir de análise pragmática do discurso e significados que estejam regulando a narrativa. Os princípios da análise microgenética podem ser aplicados para verificar pontos de mudanças e suas funções na narrativa, obtendo-se diferentes níveis de movimento dos significados que se atualizam em permanências e mudanças no tecer da história contada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade que envolve os estudos de desenvolvimento como situado, dinâmico e multifacetado em vertentes culturalistas e a preferência por estudar em profundidade dinâmicas individuais e intersubjetivas no desenvolvimento do self e de processos de identificação, nos levou a colaborar para a produção de avanços metodológicos que nos possibilitassem utilizar também multi-métodos em pesquisas qualitativas, aplicando princípios de ética dialógica. As vertentes do dialógico convergem em diferentes pontos e direcionam as ações em campo e de análise com foco em dinâmicas de intersubjetividade, considerando que o desenvolvimento ocorre nas relações que as pessoas estabelecem com o mundo, produzindo inter-historicidades. O processo de colaboração na atividade de produção de conhecimento está direcionado a estudos sobre formação de identidade e de interpretação do vivido e estudos sobre processos interventivos, constituindo territórios de análise de significativa importância para a compreensão dos fenômenos experienciados por narradores em suas fronteiras de contato nas relações Eu-Tu, tu és- eu sou, Eu-Isto, nas tensões entre dialógico e monológico. Para tanto, enfocamos as tensões no entre, geradas no encontro do narrador com o pesquisador, enquanto as histórias produzem interpretações de si, nas narrativas e explicações de eventos vividos, utilizando

diferentes mediações: de objetos, imagens e outros recursos, como documentos pessoais, a escrita de cartas, blogs, diferentes tipos de postagens na internet etc. O diálogo ocorre, sobretudo, na produção de significações em comuns, na interlocução das possibilidades Eu-Outro, na compreensão e aprendizagem com o outro, da apreciação do engajamento e da produção de pertencimento, em dinâmicas que vão se tecendo em reciprocidade assentadas na ética, em que tensões e assimetrias desencadeiam negociações de significados em convencionalização, formando o chão comum da intersubjetividade.

A dialogia entremeia as inter-relações entre self e identificações na produção polifônica de significados. A proposição dialógica presente nas palavras-princípio Eu-Tu/Eu-Isto, no estudo sobre o sentido do humano, proferidas pelo ser autêntico em sua integralidade, voltando-se a relação com o outro, com o mundo e com o transcendente, ou seja, não se reduzindo ao encontro do humano com outro humano, tornando-se extensivo ao humano em interação consigo mesmo, com os outros seres e com o ambiente, podendo assentar em reciprocidades.

A ampliação conceitual de narrativa para gêneros que desenvolvem histórias e trajetórias no entre implica na ruptura de uma base ordinária e a abertura para uma perspectiva complexa, que valoriza o movimento e a atualização dialógica. As narrativas ampliadas, coordenando aspectos não verbais e verbais, não são em si o produto final, mas sim a possibilidade para novas articulações e elaborações a partir de novos posicionamentos e reflexões. A pesquisa narrativa dialógica favorece a autorreflexão dos interlocutores aprenderem sobre si neste movimento isomórfico não-trivial, isto é, movimento de mútua influência provocadora de mudanças. A produção da narrativa na pesquisa qualitativa, quando relacionados à dialógica, possibilitam diferentes possibilidades e aberturas para a compreensão da realidade. A possibilidade do diálogo entre eles rompe clichês teóricos e mergulhar na essência do pensamento de cada autor, em sua singularidade e comunalidade.

Torna-se necessário que o pesquisador ultrapasse a compreensão racional e experiencie efetivamente a narrativa no seu aspecto dialógico, relacional, interacional, do aprender com a experiência do outro. No aprender com o narrador, a intuição e a sensibilidade são tão importantes quanto à racionalidade. O pesquisador não é neutro, e ao aplicar a observação de segunda-ordem, ao posicionar-se observa ao outro e a si mesmo como um terceiro, defrontando-se com seus conceitos, preconceitos, valores, crenças e pontos de vista sobre o mundo, atualizados na interação. Potencializar métodos aplicados sozinhos ou em conjunto nos possibilita conhecer o humano em condições específicas de socialização e interação planejadas, aprendendo sobre o humano com o outro, com suas interpretações contadas em histórias em estudos qualitativos centrados no(s) narradores(s) que

possibilitam avançar na produção de conhecimento e compreensão das inter-relações de self e identificações ao longo do desenvolvimento.

Referências

- ABBEY, E.; VALSINER, J. Emergence of meanings through ambivalence. *Forum: Qualitative Social Research*, 2005, v.6 n.1, p.1-16. Disponível em <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0501231>. Acesso em 02 dez. 2010.
- AUER, P. Context and Contextualization. In J. Verschueren, J.-O. Östman & J. Blommaert (Orgs), *Handbook of Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, 1995, 01-19.
- BAKHURST, D.; SHANKER, S. G. Jerome Bruner: language, culture and self. Sage: Cal., 2001.
- BAKHTIN, M.M. Problemas da Poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- _____. *Speech genres & other late essays*. Austin, Tx: University of Texas Press, 1996.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBATO, S. Dinâmicas polifônicas em estudo de caso: entre histórias de vida e história Oral. In: Stafuzza, G.B.; Fonseca, J.P.A. (Org.). *Estudos discursivos em múltiplas perspectivas - discurso, sujeito, sociedade*. Campinas SP: Mercado das Letras, 2018, 15-30.
- _____; MIETO, G. S. M.; ROSA, A. O estudo da produção de significados em interações: metodologias qualitativas. In MIETO, G. S. M.; CHAGAS-FERREIRA, J. F.; OLIVEIRA, M. C. S. L.; BERALDO, R. (ORGS.). *Psicologia dos processos de desenvolvimento humano: cultura e educação*. Campinas: Alínea, 2016, *Psicologia dos processos de desenvolvimento humano: cultura e educação*. São Paulo: Alínea, 2016.
- BARDIN. L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.
- BARTLETT, F. *Remembering: a study in experimental and social psychology*. London: Cambridge University Press, 1996.
- BENJAMIN, W. O narrador. Em *Textos Escolhidos*. São Paulo: Victor Civita, 1983, 57-66.
- _____. Sobre o conceito de história. Em W. Benjamin. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Braziliense, 1985, 222-234.
- BORGES, F. T.; ARAUJO, P. C.; AMARAL, L. de C. Identidade na narrativa: a constituição identitária e

- estética da professora na interação com o aluno. *Psic.: Teor. e Pesq.*[online]. v. 32, n.spe, e32ne27, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e32ne27>.
- BROCKMEIER, J.; HARRÈ, R. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia, Reflexão & Crítica*. v. 16, n.3, p. 525-535, 2003. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722003000300011>.
- BRUNER, J. L'io transazionale. In J. Bruner; H. Haste. (Org.). *Making sense*. Roma: Anicia srl., 1986, 93-106.
- _____. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____. *Concepciones de la Infancia: Freud, Piaget y Vygotsky*. In *Acción, pensamiento y lenguaje*. Alianza Psicología: Madrid, 2007.
- _____. *Cultura da educação*. Coleção Ciências do homem. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1996.
- _____. *La fábrica de historias*. Derechos, literatura, vida. México: FCE, 2003.
- _____.; HASTE, H. *La elaboración del sentido: la construcción del mundo por el niño*. Série Cognición y Desarrollo Humano. 20. Barcelona: Paidós, 1990.
- BUBER, M. *Eu-Tu*. São Paulo: Centauro, 2012.
- _____. *Do diálogo ao dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CANCLINI, N. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CRESWELL, J. *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing among Five Approaches*. New York: Sage, 2005.
- DAVIES, B.; HARRÈ, R. Positioning: The Discursive Production of Selves. In Wetherell, M.; Taylor, S.; Yates, S. (Eds.). *Discourse Theory and Practices*. London: Sage, 2001, 261-271.
- DE CASTRO, D. *Processos de revisão na produção de textos de crianças*. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.
- GERGEN, K. *The saturated self*. NY: Basic Books, 2000.
- HARRÈ, R.; L. VAN LANGENHOVE (Orgs.), *Positioning theory: Moral contexts of intentional action*. Oxford: Blackwell, 1999.
- HAVELOCK, E. *A musa aprende a escrever*. Lisboa, Portugal: Gradiva, 1996.
- HERMANS, H. J. M.; KEMPEN, H. J. G. *Moving cultures: The perilous problems of cultural dichotomies in a globalizing society*. *American Psychologist*, v.53, n.10, p. 1111-1120, 1998. <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.53.10.1111>
- HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1987.
- JOSSERSON, R.; LIEBLICH, A. *Narrative research and humanism*. In SCHNEIDER, K. J.;BUGENTAL, J. F. T.; PIERSON, J. F. *The Handbook of Humanistic Psychology. Leading Edges in Theory, Research and Practice*. California (EUA): Sage Pub, 2001, 275-288.
- LANZMANN, C. *Shoah*. Documentário. França e Israel: Les Films Aleph, Historia Films, Ministère de la Culture, 1985.
- LINELL, P. *What is dialogism? Aspects and elements of a dialogical approach to language, communication and cognition*. Linköping University: Sweden, 2003.
- MAYRING, P. *Qualitative content analysis*. In FLICK, U; VON KARDORFR, E.;
- STEINKE, I. (Org.). *A companion to qualitative research*. NY: Sage, 2004, 266-269.
- MIETO, G. S. M.; BARBATO, S.; ROSA, A. *Professores em transição: Produção de significados em atuação inicial na inclusão escolar*. [Teachers in transition:

Production of meanings in initial action in school inclusion]. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.32, n. esp., 1-10 out./dez, 2016. doi: 10.15900102-3772e32ne29.

MOEN, T. Reflections on the Narrative Research Approach. *International Journal of Qualitative Methods*, v., 5n.4, p. 56-69, 2006.

OVERTON, W.F., MOLENAAR, P.C.M. & LERNER, R. (Org.). *Handbook of child psychology and Developmental Science*. Vol.1. Hoboken, N.J: Wiley, 2015.

RIESSMAN, C. K. What's different about narrative inquiry? Cases, Categories and Contexts. In SILVERMAN, D. (ed.). *Qualitative Research*, 3q.ed., 2011, 310-330.

_____. *Narrative analysis*. NY: Sage, 1993

ROMMETVEIT, R. Outlines of a dialogically based social-cognitive approach to human cognition and communication. In WOLD, A. H. (Ed). *The dialogical alternative towards a theory of language and mind*. Oslo, Norway: Scandinavian University Press, 1992, 19-44.

ROSA, A. Bartlett's Psycho-anthropological project. *Culture & Psychology*, v.2 , n.4, p. 355-378, 1996. doi: 10.1177/1354067X9600200401.

_____; BLANCO, F. Actuations of identification in the games of identity. *Social practice/Psychological Theorizing*, 2007. Disponível em https://www.academia.edu/25019903/Actuations_of_identification_in_the_games_of_identity. Acesso em 02 mar. 2019.

ROSE, N. *Inventing ourselves*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

SEGATO, R. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *e-cadernos CES*, v.18, p.106-131, 2012.

SOUZA, F.R. *Compensação e emoções de pessoas com deficiência intelectual em posições valorizadas socialmente*. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília 2019, 201p.

VOLOSINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

Recebido em: 08/09/2019

Aceito em: 30/11/2019

Endereço para correspondência:

Nome: Silviane Barbato

Email: silviane.barbato@gmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).